

4

A experiência educativa da PFPA – vivendo, sentindo e tateando a história

Neste capítulo será realizada a análise dos dados coletados através das observações, entrevistas e de todo o material utilizado durante a pesquisa, procurando-se apresentar considerações e reflexões interligadas e relacionadas às questões e objetivos propostos no trabalho.

No decorrer da pesquisa, procurei perceber se a PFPA pode ser considerada um espaço educativo de fato, um local onde os alunos visitantes são levados a conhecer, a aprender e a compreender nosso passado, se a fazenda é uma referência pedagógica para nossas escolas e os fatores que permitem fazer esta constatação.

A segunda indagação que orientou o trabalho é mais específica e relaciona-se ao espaço investigado e suas propostas educativas; Qual o sentido da visita guiada? Quais são as suas contribuições para o ensino e aprendizagem da história?

Durante a construção da pesquisa me preocupei em observar e compreender se estas saídas de campo, atividades práticas de campo, são ferramentas pedagógicas significativas para o processo de construção e desenvolvimento cognitivo das crianças e dos jovens. E principalmente, como é possível articular estas propostas extracurriculares ao ensino de história no interior das salas de aulas das instituições formais de ensino do Rio de Janeiro, privilegiando as reflexões com turmas do Ensino Fundamental.

O presente capítulo está estruturado em quatro partes. Primeiramente analiso os dados e informações presentes na própria PFPA a partir das considerações fornecidas pelos sujeitos educativos locais. Ou seja, tento penetrar nas especificidades percebidas através do olhar e das falas dos indivíduos que constroem cotidianamente as práticas educativas promovidas pela fazenda.

A segunda parte abordada direciona-se para os atores sociais presentes nas escolas do Rio de Janeiro. Focalizo as principais caracterizações e observações realizadas pelos professores e coordenadores que promovem a visitação de suas turmas, tendo presente o roteiro guiado oferecido pela PFPA. Como caracterizam

a atividade vivenciada, seus principais diferenciais didáticos, suas contribuições conceituais e as relações entre a experiência e a dinâmica escolar.

No terceiro tópico são apresentadas as considerações dos educadores escolares e da PFPA sobre as formas possíveis de utilizarmos as dinâmicas vivenciadas nas salas de aula. Como pensam a preparação anterior à visita e o que pode ser realizado após o trabalho de campo, como também suas avaliações positivas e negativas acerca da visita à fazenda. O que poderia ser feito de modo diferente ante as práticas atuais e as diversas propostas e indicações apresentadas.

No quarto e último tópico apresento também uma breve síntese sobre as percepções desenvolvidas por educadores de outras disciplinas que participaram da visita, sobre sua potencialidade pedagógica em relação às práticas interdisciplinares educativas.

4.1

Os sujeitos educativos da fazenda – a *Ponte Alta em corpo e alma*

A busca de uma compreensão mais profunda da experiência educativa da Ponte Alta, através da ótica dos sujeitos educativos da fazenda constitui o principal objetivo deste tópico.

Inicialmente apresento as principais peculiaridades presentes na formação acadêmica destes atores educativos, suas motivações, os objetivos e as dificuldades por eles enfrentadas na consolidação do roteiro guiado construído no local.

As questões relacionadas ao ensino de história contemporâneo e as maneiras pelas quais os entrevistados analisam suas configurações e constatações também serão debatidas.

Discuto as convicções e as crenças individuais colocadas pelos sujeitos educativos da PFPA presentes nos processos de aprendizagem, na construção dos saberes históricos e como são configurados por eles em suas práticas profissionais.

No segundo momento focalizo as dinâmicas e experiências realizadas nas visitas guiadas. Como funcionam, as características educativas centrais de cada momento do roteiro, assim como suas possibilidades e potencialidades na área da educação e da história, sempre na ótica dos sujeitos educativos.

4.1.1 Tornando-se historiadores para poder trabalhar as temáticas da PFPA

“O debate mais crucial em torno da antropologia cultural é o que se refere à abordagem relativista das culturas, que enfatiza a pluralidade das culturas ao invés da unidade da cultura. Segundo esta abordagem, as culturas são tratadas como totalidades específicas, autônomas entre si, e, conseqüentemente, cada uma deve ser estudada em si mesma, na sua lógica interna própria”.

Jean Claude Forquin

Todos os educadores da fazenda são da região e moram próximos ao trabalho. No espaço da Fazenda foram entrevistados quatro sujeitos educativos, sendo que Francisco e Maria³³ – Barão e Baronesa de Mambucaba, respectivamente – são os responsáveis diretos pela condução guiada através do roteiro educativo.

Como eles são os únicos profissionais a realizar a atividade educativa com os grupos escolares, suas falas e considerações tem papel destacado nas análises realizadas.

Francisco e Maria também participam nos dois saraus pedagógicos construídos e desenvolvidos na fazenda. Como Barão - Baronesa no *Sarau Imperial* e no caso do *Sarau do Gêgê e a era do rádio*, Francisco é o responsável pela condução do “programa de rádio, gravado ao vivo com a participação dos alunos presentes na emissora” no papel principal e Maria representa a cantora Dalva de Oliveira.

Os outros dois sujeitos educativos entrevistados fazem parte da equipe que apresenta o *Sarau do Gêgê e a Era do Rádio*, Ítalo faz o papel de Francisco Alves e João encena o cantor Orlando Silva.

Dentre os quatro entrevistados do local, três dos sujeitos educativos responsáveis pela concepção e desenvolvimento da experiência educativa da PFPA cursaram a graduação em história.

Interessante salientar que a idealização e a construção do roteiro educativo guiado foi anterior a entrada destes indivíduos na graduação universitária.

³³ Todos os nomes dos sujeitos educativos da PFPA são fictícios.

Em verdade, através das entrevistas fica claro que buscaram no curso superior ferramentas, pilares e saberes inerentes ao trabalho histórico por eles desenvolvido.

Considero esta busca acadêmica por eles realizada com a intenção de aprimorar suas funções pedagógicas, como ponto importante a ser salientado.

Diz Francisco que:

- “Na verdade fiz o curso de História para me ajudar na PFPA. A faculdade foi feita especificamente para me ajudar no trabalho desenvolvido na fazenda”.

Todas as graduações concluídas pelos entrevistados foram cursadas em universidades e faculdades particulares de Barra do Piraí. Os três atores locais formados em História – Francisco, Maria e João – realizaram o curso juntos, na mesma turma da universidade Geraldo de Biase, colando grau no ano de 2008.

Nas análises acerca das formações e conquistas acadêmicas, percebe-se que somente um indivíduo não estudou no curso de história. Ítalo é formado em Turismo e Administração, com especialidade em processamento de dados pela faculdade Candido Mendes de Barra do Piraí. O que em seu caso é importante, pois além de participar do *Sarau do Gêgê*, sua função principal na PFPA dedica-se a questões operacionais internas. A administração das reservas e agendamentos, a organização e confirmação das atividades, a acomodação dos grupos visitantes e dos turistas. Ítalo hoje é o profissional responsável pela parte operacional e administrativa local.

Observando-se os históricos acadêmicos individuais apresentados nas entrevistas pelos sujeitos educativos da PFPA, percebemos como se preocuparam em estudar e alcançar patamares conceituais mais avançados para que suas atividades profissionais fossem aprimoradas e qualitativamente melhoradas.

Pode-se imaginar a fazenda, sua arquitetura, seu legado cultural e seus espaços em seus *desejos*, pedindo, clamando por novas descobertas e constatações.

Focalizando o processo de organização das propostas pedagógicas, afirma Francisco que:

- “A pousada começa em 1994 ainda com a antiga proprietária, Evelin. O pedagógico vem mais ou menos neste período, pois, quando surge a

oportunidade de realizar uma aula de campo, então ela é aberta e começa a ser procurada por escolas que *desejavam, precisavam* ter um local diferente para esta aula de campo relacionada a História do café, no Vale do Paraíba. E pelo fato que a Ponte Alta tem as senzalas originais, assim, ela acabou virando uma referencia, acabou sendo procurada por uma série de escolas”. (grifos meus)

No que se refere ao planejamento e os principais componentes das visitas guiadas, foi sublinhada a necessidade de que as informações passadas sejam corretas. Que sejam consolidadas por pesquisas acadêmicas e informações verídicas, independentemente da forma pela qual o dado seja obtido, tanto através de novos objetos agregados como por novos relatos orais ou novas evidências documentais que por ventura possam ser agregadas.

Ítalo e Francisco enfatizam a centralidade relativa às informações e sua originalidade, considerando os pontos mais importantes do roteiro guiado. Afirma Francisco que:

- “Passar informações corretas, mas no que diz respeito às informações corretas do que acontecia no local, na fazenda, como no país na época. E fazer um paralelo com a fazenda hoje, o que esta acontecendo hoje com a fazenda através deste ato de se reportar ao passado. Entender, ver um pouco do que aconteceu e refletir um pouco sobre o que nós somos, de como somos herdeiros desta História”.

Esta busca constantemente atualizada tem exigido frequentes modificações e transformações nos roteiros educativos ao longo dos anos. A partir de novas informações e, principalmente, depois da conclusão das formações acadêmicas dos atores envolvidos nas atividades o aperfeiçoamento dos roteiros é uma preocupação permanente.

Importante conquista é observada ao se perceber nos últimos anos a capacidade da equipe em produzir linguagens distintas para os diferentes grupos e faixas etárias.

É marcante o fato de a equipe ter buscado conquistar maior qualificação pedagógica, em procurar se lapidar profissionalmente ao longo destes últimos anos. No meu ponto de vista, este é um dos pontos mais relevantes das trajetórias acadêmicas universitárias e profissionais destes sujeitos e atores educativos da PFFA.

Apesar de não desenvolverem pesquisas de Pós-Graduação o Barão e a Baronesa acompanham de perto pesquisas de diferentes áreas realizadas no local, como por exemplo, este trabalho.

A título de exemplificação sobre trabalhos de Pós-Graduação atuais, o doutor em biologia pela UFRJ Arno Fritz das Neves já escreveu artigos e pesquisas sobre a PFPA relativas a tipos de madeiras e espécimes vegetais utilizados na construção arquitetônica e também sobre os riscos de extinção das mais antigas e raras árvores locais. Verônica Maioli de Azevedo atualmente desenvolve seu projeto de doutorado em biologia pela UERJ analisando questões de espécies animais e vegetais endêmicas presentes nas matas secundárias da PFPA³⁴.

Portanto, o local é constantemente estudado em suas especificidades, seja por visitantes que proporcionam dados, seja por pesquisas acadêmicas de diversas disciplinas direcionadas a fazenda. Assim, os sujeitos locais estão sempre recebendo novas informações que colaboram para a reconstrução diária dos saberes e conhecimentos sobre a própria fazenda, e são assim inseridos nos roteiros educativos.

Considero as conquistas e melhorias profissionais como determinantes para a consolidação turística e educativa da instituição.

Creio que em consequência destes diversos aprimoramentos alcançados pela equipe, a PFPA pode melhor qualificar-se e passar a ser reconhecida como referência e modelo em suas ações, propostas e serviços oferecidos.

Ítalo apresenta a questão da construção diária e as adaptações constantes dos saraus como importante conquista da equipe de educadores locais e como diferenciador do trabalho realizado na região. Sobre sua entrada na PFPA e os direcionamentos das atividades teatrais, afirma que:

- “Eu trabalhei por três anos em outro hotel fazenda da região, era um trabalho de divulgação da história local, na fazenda Ponte Vermelha. Eu já conhecia o Roberto há algum tempo e ele me chamou para trabalhar com ele no HFPA.

Em relação ao roteiro e aos saraus, houve modificações. Nós sempre fazemos várias mudanças. E até hoje, ainda tem gente que pede para a gente mudar alguma coisa. A gente está sempre aberto a incrementar ainda mais o sarau. Sempre tem alguém que pede alguma coisa, a gente tira umas e coloca outras, volta com alguma participação antiga, até para que não fique sempre igual.

Lucas – Então ele está sempre em construção?

Ítalo – Isto, ele está sempre mudando, sempre em construção”.

As afirmações do fato de o roteiro guiado estar em constante construção e ser aprimorado no cotidiano da fazenda devem ser destacadas. Enfatiza-se este

³⁴ Para respostas mais específicas sobre estas pesquisas, seguem os correios eletrônicos: arnofnb@hotmail.com e vmioli_az@hotmail.com

dado, pois ele relaciona-se com as propostas historiográficas citadas anteriormente no tocante a centralidade da ação educativa em suas especificidades interpretativas.

Corroborando esta realidade, afirma Flora, uma das coordenadoras das escolas que realizam a visitação:

- “O fato de o sarau ocorrer em um local preservado, um patrimônio de nossa história, cultura e sociedade, e a formação em História do Francisco e da Maria! Eles não são meros repetidores de um roteiro elaborado por outrem: são autores/atores, que introduzem modificações no mesmo ao longo do tempo e capazes de se adaptar às diversas plateias. Já assisti a ambos os saraus algumas vezes e eles NUNCA são idênticos, principalmente graças a Francisco, que tem o potencial de identificar os desejos e nuances de cada grupo que dele participa, envolvendo a todos”.

A partir das indicações efetivadas pelos educadores locais em suas perspectivas acerca da construção cotidiana e constante dos saberes históricos e escolares podemos perceber o papel educativo representado pelas ações e reflexões diárias.

Um dos aspectos mais relevantes do ensino de história é que devemos demonstrar a nossos alunos que eles próprios são os construtores de suas interpretações, valores e crenças. Deve-se salientar a centralidade de perceberem que os conhecimentos e saberes escolares e dos conteúdos históricos são desenvolvidos cotidianamente em suas leituras, reflexões e práticas sociais individuais e coletivas.

Ao atuar entre a necessidade de ensinar saberes referentes ao passado, ao mesmo tempo em que se contribui para desenvolver o pensamento e a reflexão crítica dos alunos, devemos focalizar esta consideração central da construção cotidiana dos saberes.

Esta reflexão é considerada fundamental para concebemos nossos alunos como cidadãos atuantes na sociedade em que vivem e estes apontamentos são perceptíveis ao desenvolvermos atividades pedagógicas de campo com os alunos.

Em concordância aos apontamentos apresentados neste tópico pelos educadores locais, desejo destacar que o processo de ensino e aprendizagem de história contribui de forma importante na construção e reconstrução do conhecimento cotidiano.

Na cotidianidade colocamos todos os nossos sentidos, nossas capacidades intelectuais, sentimentos, paixões, ideias, desejos, habilidades e nos expressamos por inteiro.

Para Burke (2005) a história das viagens é um marco nas novas percepções analíticas desenvolvidas pela história cultural e que está diretamente relacionada à construção cotidiana dos conhecimentos.

As viagens estudadas e analisadas em suas formulações, objetivos e ações praticadas possibilitam comparações e reflexões alternativas e multifacetadas. Uma viagem representa todo um processo inserido em roteiros, programas e objetivos. Afirma BURKE que (2005):

- “A história da viagem é ainda outro exemplo do estudo de uma prática que está passando por uma espécie de boom, marcado pela fundação de revistas especializadas, como o *Journal of Travel Research*, e pela publicação de números cada vez maiores de livros monográficos ou coletivos. Alguns destes trabalhos estão especialmente preocupados com a arte ou o método da viagem, a pesquisar as formas de governo e as maneiras e costumes dos lugares visitados”. (Pág. 80)

Nesta temática, segundo os pesquisadores e historiadores da UERJ, os papéis representados pelas saídas de campo escolares programadas em diversas grades curriculares, podem ser assim sintetizados:

- “Um dos aspectos mais ricos das atividades de campo é quando os estudantes têm a oportunidade de conviver e conversar com os habitantes da região, imprimindo em suas lembranças à linguagem local, o vocabulário diferenciado, as experiências, as vivências, os costumes e a hospitalidade dos sujeitos locais. Trabalhar em campo é uma atividade que requer seleção dos lugares a serem visitados, planejamento e avaliação dos objetivos estabelecidos. Essas verdadeiras ‘expedições’ não devem ser encaradas fundamentalmente como passeio da turma. Elas assumem o caráter de investigação. Os aprendizes devem adotar a postura de pequenos pesquisadores, atentos ao redor e prontos a realizar anotações”. (MENEZES & SILVA (2007). Págs. 222-223)³⁵.

Acredito em trabalhos realizados tanto em sala de aula como em espaços não formais pautados em vivências e experiências, desenvolvidos através das relações entre pesquisa /ação e assumidos como um privilegiado laboratório de questionamentos. Onde alunos e professores são instigados, cotidianamente, a vivenciar o processo de construção de conhecimentos pautados nas inter-relações entre momentos teóricos e práticos.

³⁵ In: MONTEIRO, Ana; GASPARELLO, Arlete e MAGALHÃES, Marcelo (org.). Ensino de História; sujeitos, saberes e práticas. 2007.

4.1.2

O roteiro educativo da PFPA e a educação formal – “Nosso projeto é para os educadores trabalharem o conteúdo depois, na sala de aula”

“O estudo dos processos educativos verificados fora da escola pode contribuir, inclusive, para sua melhoria”.

John Dewey

Dando continuidade às análises relativas aos sujeitos educativos locais, apresentarei suas caracterizações no que diz respeito ao roteiro pedagógico em suas potencialidades, especificidades e possibilidades.

Apresento suas considerações sobre o papel representado pelas práticas educativas realizadas em conexão ao universo escolar, suas crenças e percepções relativas ao trabalho por eles desenvolvido em concordância com os objetivos pedagógicos dos grupos visitantes.

No que diz respeito aos principais objetivos e características presentes na visita guiada, os entrevistados divergem em suas falas e apontamentos ao considerarem as vivências mais importantes para os alunos. Maria acredita que os momentos com maior interação sejam os mais marcantes. Segundo ela:

- “A gente faz uma gincana, uma gincana chamada de “casa grande e senzala”, onde os alunos vão responder perguntas sobre aquilo que eles viram, que aprenderam as dinâmicas, como o sarau, onde as pessoas vestem roupas da época, através da participação, das danças, dançando”.

Em contrapartida, outro profissional da equipe acredita que a visita e a vivência que os alunos realizam ao participar dos debates propostos no Museu dos Escravos seja o ponto alto do roteiro guiado. Para Ítalo:

- “Acho que é a parte do museu (Museu dos escravos), o museu é o que mais desperta a atenção de todo mundo. Querem saber onde ficavam os escravos, o material que era utilizado pelos escravos. Normalmente quem vem para aprender a história, não está muito preocupado com a história do Barão e nem da Baronesa, querem saber dos escravos. Então quando se chega no museu, acho que esta é uma parte que marca muito. Chama muito a atenção”.

Segundo João a PFPA tem um grande diferencial que a equipe tenta aproveitar da melhor maneira possível para que os estudantes percebam concretamente as dinâmicas sociais ali realizadas. Afirma que:

- “Acho que o grande diferencial da fazenda é a questão das senzalas mesmo, por serem todas originais, as outras fazendas não tem isto. Muitas pessoas que vem para cá, os próprios colégios que vem estudar querem ter a visão de como era a fazenda completa. Arquitetura, maquinário, enfim, permitem uma outra visão”.

Interessante analisarmos as crenças presentes nos sujeitos educativos da PFFPA sobre as considerações realizadas acerca deste item. Todos eles afirmaram que a visita guiada é em verdade mais voltada para os professores e seus trabalhos analíticos posteriores do que propriamente para os alunos, adolescentes e jovens estudantes ou turistas.

Acredito que as considerações relativas aos professores enquanto receptores centrais das dinâmicas desempenhem papel importante ao relacionarmos estas falas aos principais objetivos observados nas análises do trabalho.

Segundo Francisco:

- “Não temos um objetivo central no roteiro, nos preocupamos em passar as informações corretas, e depois o educador vai utilizar estas informações na sua sala de aula. Nós não nos preocupamos em passar conteúdos da escola, passamos as informações, eles vivenciam a história e depois é o professor que vai trabalhar os conteúdos na sala de aula. Nosso projeto é para os educadores trabalharem o conteúdo depois, na sala de aula”.

Esta afirmação é especialmente particular, pois subverte a opinião e os direcionamentos normalmente aceitos por todos nós. Tenho a impressão que a enorme maioria das pessoas, visitantes, educadores das escolas e inclusive eu, normalmente tendemos a considerar que a experiência é única e exclusivamente direcionada aos alunos.

Observa-se, porém, que seu principal público alvo não são os adolescentes e os jovens, mas deseja-se demarcar que as atividades são mais preparadas e conceitualmente potenciais para os professores, para o desenvolvimento de suas aulas.

Para o presente trabalho este ponto representou uma reflexão significativa e destacada já que está direcionada ao alargamento didático constituinte do universo pedagógico da disciplina história.

A maneira pela qual a visita colabora para o desenvolvimento do currículo escolar e a aprendizagem dos alunos, segundo Francisco, é assim apresentada:

- “Bem, primeiro ela enriquece o aluno com o visual. Facilita muito o aluno a visualizar uma época que esta distante. Segundo, a importância da preservação, a importância do que ele aprendeu aqui e que deve deixar para o próximo. A percepção da importância do patrimônio histórico, de respeitar este patrimônio. Respeitar e perceber esta história da qual ele faz parte, sua própria história. A questão da sua própria formação, sua transformação e também o respeito pelo ser humano..... e a reflexão (isto que eu queria lembrar), o refletir, a reflexão sobre a nossa sociedade, de perceber até aonde a sociedade tem culpa nestas relações de diferença, de violência, acho isto importante. Até porque é uma reflexão com o estudo do passado, para podermos ver este paralelo”.

Percebe-se a importância e o papel promovido pela PFPA para favorecer a possibilidade dos alunos realizarem vivências, experiências diretas e concretas no espaço.

Considerando o roteiro educativo realizado no local e de que maneiras a visita colabora para o desenvolvimento do currículo escolar, acredita João que acrescenta:

- “Bastante, muito mesmo. Por que as pessoas, os alunos, de fato, vão vivenciar, o que normalmente foi contado dentro de uma sala de aula, ou através de um livro, aqui eles vão ver um “espaço ideal”, onde tudo aconteceu. Assim isto fica mais fixo na memória dos alunos”.

Dando continuidade às análises dos roteiros, observa-se que os educadores locais enfatizam o papel simbólico das narrativas e a utilização da história oral como importantes ferramentas didáticas por eles utilizadas.

Os apontamentos relativos a este quesito são marcadamente expressos nas falas dos dois grupos de educadores, tanto os locais como os das escolas. A frequente utilização destas memórias transmitidas oralmente ao longo de todo o roteiro guiado e especialmente nos saraus históricos foi destacada nas entrevistas.

Analisando a relevância destas práticas no processo de ensino e aprendizado realizado pela equipe da PFPA, Maria acredita que:

- “A História Oral faz com que as pessoas prestem mais atenção, elas não se desprendem tanto daquilo que esta sendo dito ali. Acho que facilita a fixação dos conteúdos”.

Outra análise exemplifica e especifica as caracterizações temáticas da história oral em seus usos e particularidades. Francisco considera esta questão de modo:

- “Importantíssimo, a história oral é a base das fontes que usamos, até por que no caso da Ponte Alta nós não temos documentação, quase não tem documentação sobre a história da Ponte Alta, a grande parte da documentação que a gente tem é da história oral. Às vezes acontece de aparecerem alguns documentos, que acabam confirmando esta oralidade.

A história oral é utilizada também, através da dona Deuza, que conta a História dos escravos no papel de mucama Rosa, ela pesquisou sua própria história através das narrativas, já que é iletrada. Também a questão da oralidade da casa antiga, que não tinha nenhuma documentação, nenhum registro fotográfico, a questão da localidade da Ponte Alta, onde se localizava, veio da oralidade. Assim trabalhamos bastante com a história oral, até mesmo durante a visita dos alunos, com o uso de palavras e termos de época”.

A revitalização das narrativas nas aprendizagens construídas em história e sua ligação com a história oral permite que estes conceitos constituam-se como importantes ferramentas teóricas e metodológicas no processo de construção dos saberes na disciplina. Estas reflexões nos levam a enfatizar a centralidade de consolidarmos uma maior conectividade entre a educação formal e a educação não formal.

Percebe-se a necessidade expressada pelos educadores – tanto da PFPA como das escolas - em ultrapassar os limites e barreiras didáticas presentes nos currículos através da diversificação de práticas e propostas educativas.

Importantes debates travados vêm sendo analisados através das possíveis mudanças e transformações que vem sendo propostas em termos de currículo. Nestas reflexões relativas à reformulação curricular, penso como PARAÍSO (2010), que devem ser principalmente realizadas no cotidiano da sala de aula, no chamado currículo menor³⁶.

Acho muito interessante a probabilidade do roteiro pedagógico da PFPA representar marcadamente os avanços nestas práticas didáticas propostas, pois ele trabalha principalmente com o estudo de biografias de personagens históricos, narrativas, com a história local e a oral.

Arlette Medeiros Gasparello traz importantes contribuições neste movimento de ligação entre os espaços não formais e os desafios presentes nos currículos ao debater questões relativas ao que define como *espaços disciplinares de fronteira*.

Para GASPARELLO (2007):

- “Nosso tempo, marcado pela emergência de um espírito científico que privilegia os espaços disciplinares de fronteira, beneficia teórica e metodologicamente a história da educação com o diálogo interdisciplinar com

³⁶ PARAÍSO, Marlucey. *Pesquisas sobre Currículos e Culturas. Temas, embates, problemas e possibilidades*. 2010.

as abordagens antropológicas, culturais linguísticas, psicológicas e sociais. Abordagens que buscam compreender os sinais por meio dos quais uma sociedade se pensa se exprime e se historiciza”. (Pág. 75)

Estes debates também são relacionados às revisões e reconsiderações presentes na escola e no ensino atual de história. Principalmente no tocante a valorização tanto dos conhecimentos individuais dos alunos, como da cultura escolar, dos conhecimentos, dos conjuntos de conteúdos cognitivos e simbólicos selecionados, organizados na escola.

Segundo GASPARELLO (2007):

- O amplo conceito de cultura escolar parece então englobar os elementos associados ao que se entende por currículo e disciplinas escolares que, nessa perspectiva, seriam constituintes da densa rede de cultura engendrada no processo de escolarização. Trata-se de uma noção importante, porque contribui para um olhar mais atento a escola como lugar de produção e reconstrução de saberes e práticas, mas sem perder a perspectiva de sua autonomia relativa, ou seja, de seu caráter social e histórico; sua compreensão se completa com a investigação sobre os saberes, práticas e demandas externos à escola. (Pág. 77)

É importante ressaltar que o desenvolvimento pedagógico pautado em dinâmicas e experiências realizadas nos espaços não formais de educação vem sendo considerado como um método de ensino construtivo e significativo nas teorias e ações educativas.

Através das entrevistas dos sujeitos educativos locais e das contribuições de autores contemporâneos procurou-se apresentar as propostas que cada vez mais consolidam o relacionamento da educação formal com a educação não formal para o enriquecimento do ensino de história.

4.2

A ótica dos educadores das escolas – *passando pelo passado e construindo o amanhã*

“A educação não muda o mundo.
A educação muda as pessoas.
As pessoas mudam o mundo”.
Paulo Freire

Neste tópico da pesquisa busco aprofundar as reflexões e análises relacionadas aos educadores entrevistados que trabalham em colégios da cidade do Rio de Janeiro e realizam a visita à PFPA.

Optei por apresentar os dados em dois momentos distintos. Primeiramente realizo uma caracterização da formação acadêmica dos entrevistados, assim como suas crenças atuais sobre o ensino de história.

No segundo momento, focalizo visitação guiada realizada na PFPA e suas relações com o processo de construção dos saberes históricos desenvolvidos nas instituições de ensino formal.

Foram realizadas cinco entrevistas com professores de história e três entrevistas com coordenadoras do Ensino Fundamental, duas do segundo segmento e uma do primeiro segmento.

Institucionalmente, tendo presente as atividades docentes dos educadores entrevistados, é possível afirmar que abarcam escolas particulares e públicas tradicionais de nossa cidade, como colégios particulares da Zona Sul e da barra da Tijuca e na esfera pública os colégios de aplicação da UERJ e da UFRJ e o Colégio Pedro II.

A partir das considerações e apontamentos dos educadores das escolas busco apresentar possíveis relações, pontes conceituais com as metodologias historiográficas discutidas no segundo capítulo.

4.2.1

Formação acadêmica e ensino de história – “o conhecimento histórico é produzido à luz de interpretação”

“Os historiadores, conquanto microcósmicos, devem se posicionar em favor do universalismo, não por fidelidade a um ideal ao qual muitos de nós permanecemos vinculados, mas porque essa é a condição necessária para o entendimento da história da humanidade, inclusive a de qualquer fração específica da humanidade. Uma história que seja destinada apenas para judeus, (ou afro-americanos, ou gregos, ou mulheres, ou proletários, ou homossexuais) não pode ser boa história, embora possa ser história confortadora para aqueles que a praticam. Pois todas as coletividades humanas são e foram necessariamente parte de um mundo mais amplo e complexo”.

Eric Hobsbawn

Neste item objetivamos apresentar o processo de formação acadêmica e as experiências profissionais como referências individuais na consolidação de ideais e didáticas desenvolvidas pelos educadores das escolas cariocas. Apresento também as convicções e diretrizes centrais por eles percebidas no ensino de

história atual, assim como as consequências e possibilidades proporcionadas pelo estudo desta disciplina para seus alunos.

No tocante as questões de formação acadêmica, é possível detectar nítida diferença entre as coordenadoras e os professores de história entrevistados. No caso dos professores, a maioria dos entrevistados (três) são docentes recém-formados na primeira década do século XXI. Estes docentes cursaram a graduação majoritariamente nas universidades públicas do Rio de Janeiro, sendo que dois na UERJ e um na UFRJ. Acerca de seus estudos, afirma Cláudio que:

- “Minha formação de graduação foi em história pela UFRJ; atualmente curso o Mestrado em Educação pela mesma instituição. Em minha formação me interessei muito em cursar as disciplinas em que eu pudesse ter uma perspectiva historiográfica mais refinada a respeito das diferentes contribuições que os historiadores estavam dando a aquele determinado campo da pesquisa histórica.

Uma vez que meus estudos se voltam consideravelmente para a escravidão no Rio de Janeiro, com uma perspectiva voltada para a possibilidade ou não de acesso ao ensino mais básico das letras por parte de escravos, libertos e livres estigmatizados pela sua cor, tive um foco maior em disciplinas que pudessem me ampliar o olhar a respeito das experiências cotidianas destes agentes históricos, em especial no que dizia respeito ao Rio de Janeiro imperial, sobretudo pelo meu estudo ser voltado para o século XIX.

No Mestrado o caminho é manter esta percepção somando a este olhar as questões mais pertinentes da área de currículo, mostrando como as escolhas curriculares das experiências escolares destes setores revelavam muitas vezes algum viés do seu projeto de ascensão social”.

Sobre as percepções e crenças relativas à formação acadêmica e ao ensino de história outro relato permite reflexões sobre o tema. Diz Ricardo que:

- “Sou graduado em História, licenciatura plena, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores - tendo obtido em minha formação um direcionamento importantíssimo das disciplinas pedagógicas e da psicologia da educação, além de todo conteúdo diretamente ligado à história em diversas disciplinas.

Esta ligação do conhecimento historiográfico ao propósito educacional foi de extrema importância no que se refere a aplicabilidade em meio a minha atuação de professor-educador e guia de turismo, que me permitiu uma amplitude infinitamente maior na realização de projetos educativos tanto em sala de aula como principalmente em aulas externas diante de meus estudantes”.

Fica claro que estes professores mais jovens valorizam e tem dado prioridade a continuidade dos estudos na área e desenvolvem atualmente pesquisas de Pós-Graduação. Por exemplo, Cláudio faz mestrado em Educação na UFRJ e Zé desenvolve seu doutorado em História na UERJ. Em sua grande maioria não

possuem grande experiência docente, mas procuram promover inovações e alternativas pedagógicas diversificadas e interessantes para seus alunos.

Quanto às coordenadoras, observa-se que sua formação acadêmica ocorreu na década de 70, em importante e conturbada conjuntura política nacional devido aos paradoxos presentes no regime militar e suas contradições. Acredito que este fato contribuiu para que elas percebessem a centralidade e a importância do papel da história na formação da cidadania, dos valores democráticos e universais para os indivíduos.

Glória esclarece sobre sua formação que:

- “Meu curso de graduação em História foi realizado na Universidade Santa Úrsula entre os anos de 1967 e 1970. Uma aventura cursar História em uma época tão conturbada da política brasileira. Greves, manifestações estudantis, repressão, professores e colegas presos... Mas um grande momento para se refletir sobre a importância do ensino da História para a formação da memória do país e da cidadania.

Confesso que ao me formar meu interesse maior era me dedicar à pesquisa e não ao magistério, mas, naquele momento, as portas para a pesquisa e até mesmo para os cursos de Pós-Graduação estavam fechadas e assim me vi dando aulas na própria Universidade, onde a convite do Chefe do departamento de História permaneci, durante 10 anos, ministrando aulas de Sociologia e Evolução do Pensamento Científico.

Paralelamente iniciei carreira de professora de História em escolas particulares da zona sul do Rio de Janeiro em turmas do Ensino Médio. E foi nesse espaço principalmente que fui me apaixonando pela tarefa de ensinar. Nos poucos Colégios em que lecionei (Colégio São Paulo – 35 anos, Colégio Sion – 30 anos) sempre estive em sala de aula com as turmas de Ensino Médio e muito especialmente o pré-vestibular. Desempenhei também nos dois estabelecimentos funções de Coordenação de Área e de Orientação Pedagógica durante vários anos.

Nos últimos 10 anos venho trabalhando no Colégio Teresiano com turmas de 9º Ano e 2ª série do Ensino Médio e desempenhando também a Assessoria da Área de História em todos os segmentos”.

Apresento também a formação e os dados fornecidos por uma experiente coordenadora. Diz Flora que:

- “Fiz pedagogia na UERJ, especialização em Psicopedagogia Clínica e Diferencial no CEPERJ e na PUC e Mestrado em Educação na PUC. Considero que todas tiveram sua relevância para minha formação, atendendo às minhas necessidades profissionais e pessoais em momentos distintos de minha carreira docente. As especializações em psicopedagogia responderam a questões que a prática trazia sobre os processos de aprendizagem e suas diferenciações e o mestrado me encantou pela formação de pesquisadora (pretendo fazer doutorado em breve), pela ampliação do olhar para as questões da educação.

Sou professora há 30 anos. Comecei alfabetizando e, há 3 anos, voltei a alfabetizar, atualmente no CPII. Há cerca de 17 anos passei a atuar como

Orientadora Educacional e, depois, como Coordenadora Pedagógica no Colégio Sion, onde trabalho há 21 anos. Minhas experiências mais gratificantes são a alfabetização e o trabalho no Pedro II e projetos desenvolvidos na Coordenação Pedagógica do Sion. Trabalhei também 7 anos como voluntária no NOAP da PUC, com a professora Therezinha o que me trouxe muita satisfação também”.

Entre as diversas considerações e falas explicitadas, algumas se repetem com mais frequência relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem realizado no Ensino Fundamental.

Acerca das crenças e perspectivas individuais dos professores de história e das coordenadoras sobre o ensino de história, foram enfatizados os seguintes pontos; a centralidade das análises interdisciplinares, a experiência como ferramenta educativa, o respeito e a valorização das diferenças e dos diferentes pontos de vista presentes na construção e na escrita da história, a disciplina como base para o desenvolvimento de problematizações e para a formação de cidadãos críticos e autônomos.

Por exemplo, o professor Zé considera que:

- “A história enquanto disciplina permite a valorização de diferentes formas e experiências de conhecimentos, numa relação de saberes formais e cotidianos para as problematizações e análises dos fatos históricos e sociais”.

Percebe-se também a preocupação constante da parte dos professores de mostrar para os alunos que nós construímos a história em nossas práticas cotidianas e que o passado serve como uma base para as análises realizadas hoje.

Afirma a professora Mary que:

- “Trabalho com História no segundo ano e sempre quando discutimos qualquer assunto relacionado à História (fatos diários, nascimento, família, cultura, língua...) uso o mapa-múndi para nos situarmos no espaço e no tempo, pois acredito piamente que História e Geografia andam juntas, mostrar para os alunos que NÓS fazemos a História dia a dia e entender o que já aconteceu para tentarmos fazer diferente. Nos passeios culturais conseguimos atingir muitos objetivos relacionados à História”.

Para uma das coordenadoras entrevistadas os objetivos centrais presentes no ensino de História hoje são relacionados a questões cognitivas e questionadoras. Afirma Glória que:

- “Acredito que o ensino da História tenha como principal objetivo a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade e que a maneira de se atingir esse objetivo seja basicamente a adoção de uma metodologia investigativa e interdisciplinar que promova o desenvolvimento das habilidades e competências do educando”.

As atuais metodologias de ensino que possibilitam aprofundar a diversidade e a complexidade das sociedades foram indicadas como importante fator pedagógico presente no roteiro guiado da PFFA. Os educadores consideram nos depoimentos que a visitação educativa privilegia análises relativas aos diferentes segmentos sociais e suas construções passadas. Afirma Flora que:

- “Gosto da possibilidade de resgate da história dos segmentos/povos que “perderam” guerras, posições políticas, que ficaram calados por muito tempo... aposto em uma História que aposte em dúvidas, mais do que em certezas, que mostre aos alunos que nossas convicções e certezas são construídas culturalmente, ao longo de séculos de dominação, e que, por serem produtos humanos, culturais, podem ser desconstruídos e reconstruídos...”

Aposto numa história que auxilie o que Charlot define como fim da educação: hominizar (tornar o homem um membro de sua espécie), socializar (o homem membro de uma sociedade) e singularizar (contribuir para que cada um possa se perceber especial e diferente do outro) e que instrumentalize cada um a, a partir de sua história, poder exercer a parcela de “autonomia” que todos os indivíduos têm (como Elias afirma: nem o maior déspota tem a total liberdade, nem o maior oprimido vive só de opressão, todos temos uma parcela de liberdade, autonomia e restrição).

E acredito que a História tem papel importante em uma sociedade capaz de conviver – de viver com respeito às diferenças, às singularidades, às culturas e pontos de vista diversos”.

Considero uma fala significativa relacionada às indagações e reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa, quando a coordenadora Glória centraliza sua preocupação em determinada metodologia e as prováveis conquistas e crescimentos conceituais para os alunos ao estudarem esta área do conhecimento. Afirma que:

- “Acredito que o ensino da História tenha como principal objetivo a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade e que a maneira de se atingir esse objetivo seja basicamente a adoção de uma metodologia investigativa e interdisciplinar que promova o desenvolvimento das habilidades e competências do educando”.

Ricardo também enfatiza suas convicções no ensino da disciplina quando afirma:

- “Tenho certeza de que a História permite uma visão ampliada e construtiva de nossa realidade, permitindo na relação professor-aluno um desenvolvimento compartilhado de extrema grandeza e importância.

A disciplina é imprescindível para o entendimento de nossa realidade e permite um avanço do senso crítico a ser aplicado em sociedade”.

Foi citada também que entre as variadas metodologias didáticas utilizadas por estes educadores, o uso de tecnologias em sala de aula e as atividades de campo, considerados importantes referenciais no processo do ensino de história hoje.

Principalmente para que possamos esclarecer para nossos alunos o peso, o valor simbólico que o pensamento crítico representa e como permite a construção de interpretações. Segundo Cláudio:

- “Acredito que é muito importante mostrar aos alunos que *o conhecimento histórico é produzido a luz de interpretação*. A despeito disto parecer banal, óbvio, para os alunos não é bem assim. Mostrar que a produção do conhecimento tem critérios, e mostrar concomitantemente que os pesquisadores tem uma parcela significativa na interpretação das fontes, é demonstrar como eles também podem ser estes *produtores*, não sendo a produção do conhecimento e o caráter questionador/produtor uma realidade intangível a eles”. (grifos meus)

4.2.2

A experiência de campo e a educação formal – “Acredito que atividades realizadas em espaços não formais de educação são sempre uma grande ferramenta pedagógica”

Neste momento apresento de forma mais específica a caracterização do roteiro guiado oferecido pela PFPA segundo os educadores das escolas. Tento perceber as vivências e as experiências mais marcantes presentes na visitação, suas peculiaridades e o modo pelo qual se configuram como ferramentas e metodologias alternativas e seus papéis pedagógicos.

Inicialmente buscou-se enfatizar os motivos apresentados para a realização da experiência, quais os segmentos mais beneficiados, as aprendizagens mais significativas para os alunos e quais as atividades preferidas dentro do roteiro guiado.

Após estas considerações focalizo as contribuições mais significativas para o ensino de história e as principais propostas, as *pontes* conceituais possíveis de serem desenvolvidas em sala de aula a partir da experiência realizada.

Por fim apresento as conquistas individuais promovidas pela participação nesta atividade não formal de ensino realizada no espaço da PFPA.

Sobre as motivações para a realização desta experiência educativa na PFPA os entrevistados apresentam respostas semelhantes. Enfatizam a importância arquitetônica e patrimonial do espaço visitado enquanto base para

análises ligadas à memória. Assim como a possibilidade dos estudantes poderem vivenciar de forma real os ambientes e linguagens presentes em nosso passado.

Foi recorrente a consideração sobre a importância educativa dos alunos conhecerem e experimentarem novos ambientes e locais para a construção dos conhecimentos de forma mais interessante e cativante.

Afirma Ricardo que:

- “Por minha atuação profissional como Guia de Turismo e professor de História, desde 2004, executo com regularidade visita a diversos “espaços não formais de educação” com muita alegria e satisfação. A Fazenda Ponte Alta foi um dos mais importantes locais em que realizei diversas visitas escolares e outras visitas junto a diversos grupos formados por agências de turismo.

Realizei visitas como Guia de Turismo e professor, tendo como objetivo utilizar todos os recursos existentes no patrimônio histórico cultural como instrumento de aprendizados dos visitantes”.

Segundo Flora:

- “Há vários bons motivos para retornar ao local: em relação ao ensino de História, os alunos podem perceber o impacto das modificações culturais, sociais e econômicas de ciclos diferentes da história num mesmo local (a fazenda). Têm acesso a um patrimônio histórico preservado que não é fácil de encontrar, em especial a senzala, casa do feitor e a documentos originais, como a escritura de venda da fazenda (que tem a descrição de todos os escravos com idade, profissão, entre outros), participam do sarau histórico, observam o mobiliário e arquitetura.

Em relação à hotelaria, há enorme facilidade de arrumação dos jovens pelos diversos espaços da pousada, com alimentação excelente, atenção e solicitude por parte de todos os funcionários, vivência do espaço rural; além disso, o gerente – Francisco - nos deixa sempre à vontade para a realização de todas as atividades que lá realizamos - tipo a corrida de aventura e assar batatas na fogueira.

Em relação ao ensino de Ciências, os alunos aprendem sobre impactos ambientais de diversas formas de produção, entram em contato com diversas espécies, plantam árvores. Isso para falar dos mais significativos”.

É sublinhado também o fato de que estas saídas de campo permitem aos alunos estudar e ter momentos de lazer ao mesmo tempo. Diz Glória que:

- “Acredito que atividades realizadas em espaços não formais de educação são sempre uma grande ferramenta pedagógica. Elas permitem aos alunos não só as vivências concretas de espaços e situações da vida social como funcionam, também como momentos de socialização entre os alunos e desses com os professores. Há sempre a sensação de que se está aprendendo e vivenciando momentos de lazer ao mesmo tempo”.

Os motivos centrais enumerados pelos educadores para a realização da visita a PFPA são principalmente; a possibilidade dos alunos poderem *viver* a história, a percepção e a valorização das culturas materiais e simbólicas, os trabalhos interdisciplinares e o provável crescimento individual dos participantes em termos de autonomia, de respeito às diferenças e a consolidação da cidadania.

Flora considera um privilégio a oportunidade e possibilidade de grupos de alunos hospedarem-se num hotel que seja patrimônio histórico e que possam respirar os ares das épocas passadas. Diz a coordenadora que:

- “É algo que sempre destaco – eles viveram ali deixaram suas marcas naquele espaço, em nossa cultura e sociedade - eles falam através do sarau, de documentos que, aos poucos, vão sendo resgatados. O jongo se mostrou também muito importante, não só pelo contato que os quilombolas têm com os alunos, mas para que aprendam e valorizem um patrimônio cultural vivo”.

As afirmações relativas ao potencial interdisciplinar são marcantes e repetidamente consideradas. A grande maioria dos sujeitos entrevistados percebe e aponta que as dinâmicas possibilitam estudos de áreas distintas realizadas concomitantemente, principalmente nos enfoques entre a história e a geografia e a biologia.

Entretanto Glória afirma que em seu colégio as atividades interdisciplinares são frequentes e que a atividade de campo é utilizada o mais ampliadamente possível, inclusive no desenvolvimento de trabalhos de outras disciplinas.

Afirma a coordenadora que:

- “Em nosso Colégio a proposta de trabalho interdisciplinar é uma prática constante. Semanalmente os professores têm reuniões onde, dentre outras coisas, organizam essas atividades. Nosso contato é permanente e nossas atividades interdisciplinares fluem com tranquilidade. Assim, uma atividade de campo como a visita à Fazenda Ponte Alta é sempre uma rica oportunidade de trabalho conjunto de disciplinas como História, Geografia, Ciências, Língua Portuguesa, Redação, Artes, Literatura”.

Apresento também a declaração de uma coordenadora acerca das possibilidades promovidas pelas atividades educativas na PFPA.

Afirma Rita que:

- “As pesquisas de campo oferecem condições para enriquecimento de experiências, integração de diversas áreas de estudo. As pesquisas de campo são atividades planejadas com o objetivo de proporcionar ao aluno uma forma mais significativa e mais autêntica de aprendizagem. Vários educadores consideram

essas aulas-passeio como uma ferramenta que facilita o processo ensino aprendizagem, uma vez que faz com que os alunos vivenciem o que é dado em sala de aula. Os alunos são motivados a explorar e ampliar os conhecimentos, que serão novamente debatidos em sala”.

Nas indagações relativas aos segmentos, turmas e as faixas etárias mais beneficiadas pela atividade em sua adequação curricular de conteúdos, as respostas variaram, embora seja clara a indicação de que a experiência seja útil e possível para quaisquer segmentos ou turmas escolares.

No entanto, fica claro que, comparando-se todos os segmentos escolares - Educação Infantil – Ensino Médio – Ensino Médio – e talvez possamos incluir os cursos técnicos - e seus possíveis benefícios educativos, quantitativamente as turmas dos dois segmentos do Ensino Fundamental são as que mais realizam a visitação a PFFA. Sobre esta questão nos diz Glória:

- “Nossas visitas à Fazenda Ponte Alta são realizadas principalmente com alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental II e de turmas do 4º Ano do Fundamental I, em função de serem as turmas que trabalham com os temas relativos à produção cafeeira no Império Brasileiro. Mas acho que uma visita à Fazenda poderia ser adequada a qualquer faixa etária, dependendo apenas da adequação das atividades pedagógicas ao grupo”.

Em relação às idades e faixas etárias afirma Flora que:

- “As crianças que mais visitam o local têm idades entre 13/14 anos, Tudo depende dos objetivos da visita. A parte do sarau histórico é ótima para 9º ano e 5º ano, se considerarmos uma divisão comum do ensino da História, mas acho que a Fazenda pode ser aproveitada para qualquer série”.

As turmas que mais participam desta atividade são, no primeiro segmento o terceiro, o quarto e o quinto anos, dependendo dos programas e grades curriculares de cada escola em particular. Já no segundo seguimento, fica clara a predominância das turmas do oitavo e do nono anos, devido aos conteúdos abordados nestes anos.

Os grupos de oitavo ano trabalhando o Império e as de nono estudando república. Estas duas séries tem, portanto, conteúdos normalmente mais semelhantes entre as diferentes escolas, ao contrário do que ocorre no primeiro segmento, onde as variações e especificidades são mais comuns e perceptíveis.

Nas perguntas iniciais relativas à percepção e a categorização do roteiro guiado para os educadores escolares, acredito que uma questão não ficou bem

formulada ou compreendida, pois não foi direcionada e marcada conforme o esperado pela quase totalidade dos entrevistados.

A pergunta II.VII do roteiro de entrevista dos professores e coordenadores indaga sobre a possível perspectiva historiográfica que fundamenta a proposta educativa da fazenda. Desejava identificar se os professores conseguiam perceber alguma *escola* ou *corrente* historiográfica como principal e dominante nas ferramentas e atos educativos produzidos pelos sujeitos educativos da PFPA em suas visitas, como o marxismo ou a história cultural, por exemplo.

Entretanto, alguns dos entrevistados indicaram respostas e opiniões que de certa forma, aproximam-se de determinadas propostas pedagógicas investigadas neste trabalho.

O professor Zé disse entender que: “*para o Ensino Fundamental, as propostas educativas podem ser perceptíveis nas considerações propostas por Freinet, já para o Ensino Médio entende que exista um dialogo pedagógico entrelaçado a Freinet e Paulo Freire*”.

Já Rita percebe a possibilidade de *fazer um mergulho* em um período histórico diferente do seu, percebendo assim com mais facilidade, seu próprio cotidiano, hábitos e costumes.

Se pensarmos a atividade conceitualmente em suas relações aos principais conteúdos escolares estudados e aprofundados pela experiência, as respostas foram praticamente as mesmas. As abordagens e análises predominantes são relativas à: o *ciclo do café*, ao Império brasileiro, a diversidade temática da escravidão, o movimento abolicionista, a Era Vargas, o *populismo* e os estudos ambientais.

Para Glória:

- “A Fazenda Ponte Alta apresenta características em suas instalações bastante interessantes que nos permitem abordar com profundidade os temas da produção cafeeira no Vale do Paraíba e da questão escravista e abolicionista no Brasil. Além disso uma visita à região permite também um estudo sobre seu meio ambiente e como ele foi afetado pela produção cafeeira. Durante a visita à fazenda os alunos são convidados a participar de um sarau que lhes permite perceber hábitos, costumes e manifestações culturais do século XIX (músicas, danças etc.). Essas atividades nos permitem a realização de trabalhos interdisciplinares extremamente ricos”.

Já o professor Zé salienta:

- “O aprendizado sobre o papel econômico destas fazendas e o modo que elas se adaptaram a novas realidades ao longo do tempo, o cotidiano da fazenda,

as dinâmicas culturais dos grupos que habitavam nesta localidade, a herança material e cultural, as permanências e modificações, a riqueza ambiental, a relação desta fazenda com a história imperial brasileira”.

Estes conteúdos e temáticas centrais presentes nos currículos e programas justificam, de certa maneira, a realização da visita guiada. Inclusive esta afirmação é feita pelos próprios sujeitos educativos da PFFA, quando buscam compreender as motivações que levaram os visitantes a fazenda.

Durante as observações de campo tive a oportunidade de participar de conversas com outros educadores, turistas e o Barão de Mambucaba, onde aqueles afirmavam que depois de realizarem a visita pela primeira vez, passaram a ter muito mais interesse e curiosidade sobre seus próprios passados, acerca da história de suas famílias. Foram pesquisar e descobriram informações muito interessantes e importantes como origens, migrações e sobrenomes apagados pela história.

Uma professora salientou a provocativa pergunta feita pela Baronesa ao iniciar os diálogos e temas propostos: - *“A que devemos a honra da presença de tantos jovens nobres da corte?”*.

São jovens estudantes da capital experimentando e vivenciando épocas, procurando uma melhor compreensão do seu passado e de si mesmos. Em relação às aprendizagens e as dinâmicas oferecidas pela PFFA, muitos pontos específicos foram expostos na tentativa de se perceber as peculiaridades e especificidades presentes nas visitas guiadas educativas.

Marcadamente as atividades realizadas nas senzalas e no museu dos escravos, o sarau musical e a dinâmica do jongo foram as respostas mais frequentes. Confirmam o papel destas dinâmicas e momentos para as reflexões e apontamentos ligados às possibilidades pedagógicas presentes nas atividades citadas.

Sobre os principais atrativos oferecidos pelo espaço, observa a professora Mary que:

- *“A visita guiada pela fazenda, o sarau e o hospital dos escravos, pois ao vivo e a cores, conseguem fazer relações importantes com o que estão estudando. Os alunos amam a fazenda e demonstram bastante interesse pela senzala, hospital e deliram com o sarau histórico, onde todos se caracterizam de acordo com o século XIX”*.

A partir da visão de Cláudio podemos centralizar o papel representado pelo sarau histórico e as dinâmicas coletivas nas considerações realizadas. Para este professor:

- “A representação teatral, um baile promovido pela fazenda e a apresentação do Jongo por parte de habitantes locais que tem laços com famílias há muito estabelecidas na região.

Tanto no teatro quanto no baile foi possível que os alunos pudessem imaginar como era a vida e o cotidiano local no século XIX. No baile eles não só assistem a dança, como dançam, se vestem a caráter. Eles acabam representando também aquilo que estudam, tentam entrar na mentalidade da época em destaque.

O Jongo tenta mostrar a transformação e a permanência da cultura afro-brasileira, que em parte está enraizada na cultura reconhecida como nacional”.

Segundo os professores entrevistados, os roteiros educativos da PFPA consolidam a centralidade dos depoimentos e a visualização da riqueza e da diversidade social apresentada pelos educadores locais, principalmente através das narrativas e dos relatos orais.

Um ponto determinante nestas reflexões, é que na PFPA os alunos podem perceber que aquilo que eles já ouviram falar antes e parecia tão distante, está ali presente, de modo concreto e material.

Esclarece Flora que, nesta atividade repleta de experiências, os alunos:

- “Observam sentem e tocam os *vestígios* – físicos e emocionais- percebem os *rastros* deixados para nós”. (grifos meus)

Entre as principais considerações apontadas pelos educadores escolares sobre o roteiro guiado da PFPA, foi possível identificar que salientam, estimulam processos de ensino e aprendizagens diversificados e alternativos. São repetidamente enumeradas as variadas possibilidades educativas proporcionadas pela experiência extracurricular desenvolvida na PFPA como também as suas prováveis contribuições pedagógicas.

Uma das professoras - Julia-, que trabalha no Colégio Municipal Castelo Branco em Barra do Piraí, e é a única professora da região entrevistada, sobre as principais experiências locais e suas potencialidades escolares, afirma que:

- “A visita guiada e o sarau histórico são os grandes diferenciais, pois despertam o interesse do aluno em conhecer todo o patrimônio, como também sua história. A apresentação do sarau histórico, pois se concentra em

dramatização de época, palestra que foca desde a fundação da fazenda até os dias atuais e as danças do Império.

O roteiro guiado possibilita o desenvolvimento do aprendizado em um cenário real para fixar o que foi estudado em sala de aula, complementado com personagens, vestuários e danças para um melhor entendimento sobre o ciclo do café. Ele permite valorizar e situar o patrimônio visitado na História do Brasil”.

Os professores tem a possibilidade de realizar a interligação, o cruzamento dos conteúdos construídos através dos materiais didáticos impressos escolares com os saberes adquiridos com a visita histórica. Podem reconstruir determinadas certezas e verdades segregadoras, preconceituosas e elitistas com seus alunos em sua própria sala de aula.

Afirma Cláudio que:

- “A visita é importante por permitir a visualização e a imaginação dos alunos. Isto os permite refletir a respeito de uma realidade que por muitas vezes parece distante. O resultado é perceptível em sala de aula, visto que vez ou outra lembranças do local são citadas pelos próprios alunos nas aulas dadas.

Dos professores que foram à visita no ano passado, vi grande animação. Muito embora os professores estejam a trabalho, sempre é possível estar em outra realidade que acaba sendo, mesmo nestas condições, de um certo divertimento. Afinal, os mesmos se inserem nas atividades, tentam aproveitar do que a fazenda promove. Além de entenderem o valor da visita, aproveitam para o próprio conhecimento e para estabelecer uma proximidade maior com os alunos”.

Acredito no roteiro guiado como uma ferramenta pedagógica permite que o docente questione coletivamente determinadas certezas já constituídas e consolidadas. Que crie novas interpretações através da utilização de fontes alternativas e novas abordagens temáticas apresentadas pela equipe da PFPA. Os professores observam o papel desempenhado na PFPA para a compreensão e a valorização das diversas culturas inter-relacionadas analisadas naquele período.

Constatam que as vivências locais desenvolvem nos alunos um crescente respeito para com o outro, com o diferente e as diferenças, possibilitam a consolidação de novas visões sobre a história, a riqueza cultural presente nas diversidades e variações que nos foram legadas.

De modo claro e objetivo, todos os entrevistados realçam o papel dos estudos históricos realizados, tanto nas escolas como nos espaços não formais, como importante ferramenta pedagógica para a construção da cidadania, dos valores democráticos e posturas éticas por parte dos alunos.

Sobre as questões relativas ao ensino de história, afirma Zé que o roteiro guiado da PFFPA permite:

- “A possibilidade de intercruciar o saber formal (texto didático) com os elementos da cultura material ou histórica é um grande avanço para a construção do conhecimento. A visita proporciona diferentes contribuições para formação do discente. Indo desde ao conhecimento formal ao papel dele como cidadão. A valorização da cultura histórica como fonte de conhecimento”.

A partir do ponto de vista apresentado por Cláudio, percebe-se a importância que estas práticas desempenham hoje no ensino de história. Afirma Cláudio que:

- “O ensino de um modo geral busca estabelecer uma relação com o desenvolvimento da cidadania. A demonstração das atrocidades físicas do regime escravocrata de certo modo os ajuda a refletir sobre como algumas convicções filosóficas podem gerar malefício para outros grupos sociais.

Além disso, é possível se apropriar deste choque que os alunos apresentam para questioná-los se, a nossa sociedade hoje é realmente bem mais pacífica e compreensiva, assim como muitos deles tendem a pensar tomam maior consciência dos recorrentes eventos e castigos tão naturalizados naquelas circunstâncias”.

Enfatiza-se como no trecho acima, a possibilidade dos professores praticarem estudos comparativos entre as características e hábitos do passado e do presente. Facilitando análises relativas às atuais disputas entre as classes sociais, ao racismo e ao preconceito ainda presentes em nosso cotidiano. Demonstra-se como nossas sociedades modernas ainda são constituídas por interesses e disputas semelhantes às observadas no passado, dentro de suas especificidades temporais, materiais e técnicas.

Neste movimento de valorização das chamadas atividades de campo integradas aos saberes escolares, a relação entre história e memória tem sido objeto de reflexões, na busca do estabelecimento de suas diferenças e de suas relações.

Nossos alunos, ao chegarem à escola são portadores de saberes, referências construídas nos grupos familiares que cultivam suas memórias: sejam memórias de trabalhadores, migrantes nordestinos, desempregados, de lutas e combates diários pela sobrevivência, de referências étnicas, religiosas que oferecem explicações do mundo e de seu devir.

Constituem, na área da educação, os chamados saberes prévios que muitos de nós descartamos a priori, como expressões de ideologias que precisam ser superadas porque portadoras de preconceitos. Para BITTENCOURT (2004):

- “As representações sociais são construções pelas quais os jovens ou as crianças se apropriam do real, tornando-o inteligível. Além disso, a representação social ultrapassa essa atividade de conhecimento prático e preenche igualmente uma função de comunicação”. (Págs.235-236)

Acredito e busco perceber justamente isto, que um dos resultados pedagógicos mais importantes das atividades pedagógicas realizadas na PFPA pelos alunos é facilitar a possibilidade de construção do conhecimento, tanto individuais como coletivos.

Considero que este projeto educativo de Barra do Piraí promove um melhor autoconhecimento por parte dos alunos, possibilita o reconhecimento da própria identidade, ao mesmo tempo que possibilita um ideal de pertencimento a uma nação, de um povo que detém uma mesma memória nacional coletiva.

Assim como permite que o indivíduo se perceba também como herdeiro, descendente de uma determinada família, pertencente a certos grupos ou classes sociais específicas dentro do amplo quadro da realidade social. Percebe-se que as propostas didáticas da PFPA podem facilitar esta percepção da diversidade da vida e da realidade das diferentes sociedades históricas ao longo do tempo.

A pesquisadora Ismênia de Lima Martins trabalha esta importante relação entre o ensino de história, a memória e a identidade como fundamentais para todos nós no tocante as compreensões sociais. MARTINS (2007) afirma que:

- “Tal qual a memória, a identidade é uma construção social também sujeita a redefinições no tempo. Ambas podem ser negociadas e estão expostas a rearrumações, questionamentos e disputas”. (Pág. 18)

Esta autora afirma que até meados do século XX no Brasil predominou a consolidação de uma memória nacional e uma identidade uniformizadora presentes na construção de uma História oficial, sem espaços para brechas ou para a afirmação das diversidades existentes no vasto território brasileiro. Mas que desde os últimos anos do século passado, passa-se a perceber o resgate da história oral. Salienta os aspectos seletivos presentes nas memórias individuais e a questão da importância teórica dos chamados *silêncios*, ainda presentes neste campo da

investigação histórica. Para a autora a compreensão destes *silêncios* hoje cada vez mais perceptíveis e ouvidos facilita e potencializa o estudo das classes populares, dos excluídos e das chamadas minorias.

Percebe-se a nítida importância destes chamados *silêncios* no ensino de história ao relacionarmos este ponto ao pensamento de CERTEAU (2007). Consideramos esta relação com debates apresentados no segundo capítulo como importante para se analisar as estratégias didáticas presentes na disciplina hoje.

CERTEAU contribui para consolidar esta *reescrita* contemporânea da história. Ele auxilia e promove o resgate de relatos e depoimentos promovidos pela história oral, que acredito se tornaram fontes privilegiadas para a construção de novas histórias. E esta valorização da oralidade desenvolveu-se concomitantemente com a ênfase na biografia.

Buscamos analisar neste tópico as dimensões educativas do HFPA através de seus roteiros pedagógicos guiados, pela construção e *ressignificação* das histórias e memórias locais e suas contribuições com o possível fortalecimento de determinados conteúdos trabalhados pelas grades curriculares formais das instituições de ensino do Rio de Janeiro. Na área do ensino de História buscou-se analisar as contribuições deste espaço educativo não formal sempre na ótica dos educadores das escolas.

4.3

O antes e o depois da experiência: “*Estar imerso em uma cultura é a melhor forma de aprendê-la e à sua história: é vivendo, sentindo pelos poros, tateando a história*”

Ao invés de analisarmos as formas de preparar as turmas e os modos pelos quais os professores podem utilizar a experiência em sala separadamente, optei por realizar estas análises de modo integrado. Assim é possível perceber como os sujeitos educativos da PFPA se situam diante do papel representado por seu roteiro guiado de forma conjunta pelos professores e coordenadores das escolas.

Durante as entrevistas identifiquei que os modos de preparação da saída de campo à PFPA são bastante semelhantes, mas foi interessante observar certas peculiaridades nas formas de apontar direcionamentos possíveis para os trabalhos posteriores realizados na escola.

Uma constatação que pode ser realizada é que as escolas, seja através de suas coordenações como também dos professores procuram basicamente apresentar os conteúdos centrais relacionados à atividade que irá ser realizada.

Entretanto, enfatizam que sem a preocupação de consolidar os conhecimentos conceituais sobre as temáticas apresentadas. Busca-se primeiramente oferecer saberes mínimos que irão ser aprofundados a partir das experiências e vivências a serem realizadas na PFPA.

Quando analisei as atividades iniciais realizadas nas escolas antes da visita guiada e os preparativos para a saída de campo percebi que, em sua quase totalidade, as escolas procuram iniciar conceitualmente os temas que serão aprofundados ainda em sala de aula. Normalmente através de conversas, do livro e de fichas sobre os conteúdos centrais.

Fica claro também que praticamente em todos os colégios, em relação às turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental, os professores ou a coordenação entregam roteiros, apostilas e relatórios que devem ser preenchidos e posteriormente entregues.

Duas escolas encaminharam os materiais que utilizam em sala com suas turmas finais do segundo segmento, alguns apresentados antes para serem preenchidos durante a experiência e outros que serão utilizadas posteriormente em sala de aula. Estes materiais constam no anexo do trabalho³⁷.

Nas séries iniciais deste segmento as formas pelas quais os professores preparam seus alunos para a visita a PFPA normalmente são mais livres e menos estruturadas, talvez mais imaginativas, levando em consideração a idade destas crianças.

A professora Mary, que realiza a atividade anualmente com turmas do quarto ano do primeiro segmento apresenta assim suas estratégias preparatórias:

- “Normalmente os alunos são estimulados a desenvolverem um diário de campo, ou produzem uma espécie de *bloco*, com as estimativas, possibilidades e previsões a serem percebidos na atividade (função, construção, área natural, tamanho e etc.), e que depois em sala os alunos podem comparar suas indicações com o que foi realmente observado e percebido”.

³⁷ Roteiros e propostas de trabalhos de dois colégios particulares da Zona Sul do RJ. Itens 8 ao12 do anexo.

Sobre as maneiras de se preparar os alunos para a atividade de campo, um depoimento demonstra estas considerações iniciais, relacionada às reflexões a serem realizadas na saída de campo, mas com uma grande preocupação em não solidificar as ideias e concepções sobre o local e a época.

Usualmente os professores dizem realizar leituras através de materiais didáticos e apresentam os conteúdos principais, mas procuram não formatar visões pré-estabelecidas. Afirmo Cláudio sobre a forma trabalhada com os alunos para a visita, que:

- “Inicialmente, com a leitura do material didático, mas com a preocupação de não formatar visões. O retorno dos alunos com suas próprias impressões é o meio para debater o que eles aprenderam nesses espaços”.

Já na ótica dos educadores locais da PFPA percebe-se que eles não têm como definir os objetivos centrais e como aproveitar as possíveis atividades pedagógicas anteriores ou posteriores. Buscam em verdade adaptar-se da melhor maneira possível ante as propostas de cada escola. Afirmo Francisco que:

- “Eu acho mais importante o que a escola se propôs a fazer, até porque temos escolas de dois tipos. Tem a escola que o aluno estuda o item, o conteúdo em sala para depois visitar a fazenda, assim ele vai “confirmar”, visualizar aquilo que ele estudou. E também tem a escola que vem para cá para apresentar o conteúdo, sem ter estudado nada antes. Isto depende da grade curricular e das metodologias de cada escola.

Lucas – Você tem alguma posição dominante que considere importante?

Francisco – Eu acho o mais importante a necessidade da escola, aquilo que ela precisa para os seus alunos”.

Uma preocupação explicitada pelos professores em relação aos trabalhos e propostas realizados posteriormente a visita guiada consiste em intercalar, inter cruzar as análises desenvolvidas a partir dos materiais didáticos, com os saberes adquiridos através da visita guiada na PFPA.

Quanto as principais propostas apontadas pelos professores e coordenadores nesta perspectiva diz respeito a se promover maior interação entre os educadores locais e os estudantes durante todo o roteiro, com mais perguntas e indagações aos alunos.

Ainda com esta preocupação, outra professora acredita que deveria haver maior utilização de conceitos interdisciplinares e que estas possibilidades de investigação interdisciplinares poderiam ser melhor aproveitadas.

Acerca de transformações mais práticas, uma professora afirma que a fazenda deveria ter plantações de café e um espaço exclusivo para os estudantes manusearem o café, para que possam plantá-lo, colher e secar os frutos em algum momento da visita guiada.

Considera esta falta como grave e fácil de ser posta em prática, até por que, segundo ela, outras fazendas realizam esta vivência com sucesso e grande retorno por parte dos alunos.

Em suas palavras finais nos diz a professora Mary:

- “Acho que deveria ter uma pequena plantação de café onde os alunos pudessem vivenciar desde o plantio até a produção do café. Para mim os pontos positivos – estrutura, construções, mobília, sarau, visita guiada, recepção dos alunos, alimentação, passeios de cavalo e para conhecer a área natural; pontos negativos – falta de uma plantação de café e uma boa horta.

Continuem realizando esse trabalho tão significativo na construção de conhecimentos que são vivenciados na fazenda, porque os alunos aprendem com prazer e autonomia”.

Uma das coordenadoras acredita que um encontro anterior entre os sujeitos educativos da PFPA com os professores responsáveis pelo grupo seria interessante para lapidar as características do grupo e seus interesses mais diretos. Diz Glória que:

- “Os pontos são mais positivos que negativos. Como já visito a Fazenda há alguns anos, venho percebendo que as atividades propostas pelo grupo da Ponte Alta vem se aprimorando. Claro que há sempre a possibilidade de fazer melhor e acredito que um encontro prévio entre o pessoal da fazenda e a equipe de professores poderia ajudar no processo”.

Acredito que esta possibilidade seria bem interessante, mas que é bem difícil de ser posta em prática, devido aos entraves temporais e aos roteiros de campo propostos pelas escolas, sempre muito corridos – os professores normalmente chegam com o próprio grupo para a visitação e o encontro dos educadores poderia dispersar o grupo.

Uma afirmação que perpassa como um todo os depoimentos dos educadores das escolas é que há pouco apoio de órgãos governamentais. Júlia e Flora afirmam que poderiam pelo menos favorecer ou bancar a atividade pedagógica para as escolas públicas locais, podendo posteriormente estabelecer

parcerias diversas que promovessem crescimento quantitativo de visitas e escolas beneficiadas.

Indicação interessante foi à utilização de interpretes para públicos estrangeiros, ou de roteiros e textos que poderiam ser gravados e utilizados pelos visitantes que não tenham facilidade com o português. Acredito que seria muito útil na diversificação das linguagens oferecidas, levando-se também em consideração o crescimento de um mercado pedagógico internacional.

Em suas considerações finais nos diz Flora que:

- “Em especial, destaco o orgulho de todos que lá trabalham de participar de um projeto que dá voz aos escravos, traz ecos de suas vidas e que preserva e difunde nossa cultura! O trabalho realizado na fazenda modificou a minha percepção sobre essa época e passei a valorizar muito mais nosso patrimônio.

Recentemente, levei uma parenta alemã a se hospedar no hotel, e traduzi para ela os depoimentos, diálogos, explicações e documentos. Ela ficou encantada e descobriu muito sobre nossa história. Segundo ela, foi uma experiência incrível, indescritível...

Negativo, talvez, o pouco apoio que Roberto tem de órgãos governamentais e a consciência de que a preservação de um patrimônio histórico-cultural tão importante dependa tanto do proprietário da fazenda. O atual, Sr. Jair, tem investido muito, mas, se não tivesse o Francisco como gerente, talvez muito já tivesse se perdido.

Ele pensa sim na questão econômica, mas coloca a preservação e manutenção do patrimônio em primeiro lugar. É mais do que podemos dizer de muitos estadistas.

Por essa questão financeira, nossa história perde na divulgação para turistas estrangeiros, que só podem visitá-la com intérpretes. Já sugeri que o Barão e a Baronesa escrevessem o roteiro da visita guiada, pagassem tradutores e gravassem o roteiro em diversos idiomas, para que turistas possam ter acesso a esse patrimônio”.

Sem ultrapassar as barreiras nacionais, mas expandindo fronteiras pedagógicas, acrescento uma proposta para a PFPA para melhor atender alunos com necessidades especiais.

Pequenos textos em braile poderiam ser alocados em espaços especiais durante o roteiro, investir em ferramentas auditivas ou em monitores para alunos surdos poderiam ser importantes aquisições para colégios que cada vez mais contam com estudantes com necessidades especiais em suas turmas.

Quando buscamos perceber as considerações destes dois grupos distintos de educadores em suas semelhanças e diferenças, percebe-se uma consideração positiva observada por ambos, e um limite em comum apontado, com soluções bem similares.

Primeiramente foi significativo constatar que a troca cultural de experiências sendo compartilhadas, entre alunos de diferentes escolas, como também entre estudantes e grupos de turistas de terceira idade e, principalmente de estrangeiros, é sempre muito produtiva. Este apontamento foi frequente e nitidamente enfatizado nas entrevistas.

Em relação aos apontamentos positivos citados e as considerações direcionadas à centralidade dos sentidos na consolidação e na construção de saberes, afirma a coordenadora Flora:

- “Fico muito feliz, quando estou na fazenda, ao encontrar grupos de turismo interno. É interessante ver os alunos – jovens – e turistas de 3ª idade juntos aprendendo a valorizar e conhecer nossa própria história. Muitas vezes os turistas vão conversar com alunos ou conosco, professores, sobre o que fazemos lá, onde estudam e lamentam que, em sua época, não tiveram a mesma oportunidade que eles têm. Eu, como aluna, fiz saídas pedagógicas, e todas ficaram na minha memória. O que aprendi nelas, não esqueci. E meus professores e alunos também o confirmam. Muitas vezes alunos mais velhos, que passaram por essa e outras experiências repetem: nunca mais esqueci aquelas excursões, lembro de todas... *Estar imerso em uma cultura é a melhor forma de aprendê-la e à sua história: é vivendo, sentindo pelos poros, tateando a história*”. (Grifos meus)

Observa-se desta forma a importância destes espaços não formais possibilitarem vivências e experiências inéditas e únicas, o modo como estes locais públicos educativos permitem ricos diálogos e interações produtivas para os jovens.

Algo não corriqueiro e que não é fácil de ocorrer nos colégios, devido a suas inerentes obrigações institucionais, as suas restrições internas, tanto espaciais como humanas. Tanto a equipe como os profissionais das escolas afirmaram gostar muito de ver estas trocas culturais e indicaram este ponto como sendo gratificante e significativo nas vivências locais.

Ressalto a importância dos alunos perceberem como diversos grupos brasileiros e internacionais viajam muitos quilômetros para conhecer a PFFA, para que eles possam valorizar este patrimônio.

Pude por diversas vezes através das observações ver os alunos tentando conversar em outras línguas, ou turistas esforçando-se para falar um português decente com os estudantes, um ponto positivo, claramente constatado.

Percebe-se também, a partir das observações em campo e durante as conversas com os educadores, tanto escolares como locais, que são produtivos os casos de encontros de duas escolas de faixas etárias diferentes durante as

atividades diárias, como os mais velhos ajudam os mais novos e como se inter-relacionam pela área da PFPA.

Entretanto, também foi constatado que os encontros entre grupos muito grandes com faixas etárias equivalentes frequentemente não é produtivo. Para grande parte dos professores, estes encontros levam frequentemente a rivalidades e problemas disciplinares.

Outra percepção positiva que pode ser constatada através das entrevistas dos sujeitos educativos como também pelas falas dos professores e coordenadores das escolas, é o fato do roteiro educativo guiado possibilitar o estímulo a utilização de nossos sentidos no processo de ensino e aprendizado em história.

A possibilidade dos alunos experimentarem estar imersos em uma época histórica, vivendo, sentindo concretamente o período estudado promove maior utilização de outros antes sentidos marginalizados. Não somente a dominante visão na construção dos saberes e dos conhecimentos disciplinares, mas também a audição, o tato, o olfato, os movimentos, gestos corporais e até mesmo o paladar.

Desta forma, realidades teoricamente inatingíveis ganham forma e vida na mentalidade dos estudantes. Sobre a possibilidade de a visita guiada poder facilitar o estudo da história, afirma o professor Cláudio que:

- “Sim, por permitir a visualização e a imaginação dos alunos. Isto os permite refletir a respeito de uma realidade que por muitas vezes parece distante. O resultado é perceptível em sala de aula, visto que vez ou outra lembranças do local são citadas pelos próprios alunos nas aulas dadas”.

O principal aspecto negativo salientado nas análises de ambos os grupos é a falta, durante o roteiro, para uma análise de imagens, principalmente fotos e arquivos visuais, Instrumentos e representações que demonstrem como era o local antes de sua revitalização e como se constitui hoje, através de gravuras passadas e atuais. Onde os alunos possam ver de forma nítida o que é construir a memória de um patrimônio e a importância de tal processo para as conquistas culturais que nossa educação tanto necessita. Ítalo afirma que:

- “Estamos montando uma apresentação de PowerPoint sobre o HFPA, com imagens do local antes das reformas, as imagens atuais, os principais dados entre outras informações, para ajudar, colaborar na passagem dos conteúdos centrais, para somar na parte pedagógica. Vou tentar, nestes meses, concluir esta apresentação de data show para incluir na apresentação das crianças”.

No início deste trabalho, foi debatido como a história local representou importante ampliação teórica e metodológica nas pesquisas e práticas da disciplina história. Como elemento constitutivo da *transposição didática* do saber histórico em saber histórico escolar, a história local pode ser vista como uma estratégia de ensino. Para SCHMIDT (2007):

- “Trata-se de uma forma de abordar a aprendizagem, a construção, e a compreensão do conhecimento dos alunos, suas aproximações cognitivas e afetivas, suas vivências culturais com as possibilidades de desenvolver atividades vinculadas diretamente com a vida cotidiana, entendida como expressão concreta de problemas mais amplos. Como estratégia de aprendizagem, o trabalho com a história local pode garantir controles epistemológicos do conhecimento histórico, a partir de recortes selecionados e integrados ao conjunto do conhecimento”. (Pág. 190)

Entre as suas possibilidades, a história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual ele faz parte, criar a sua própria historicidade, e produzir a identificação de si mesmo e também do seu redor, dentro da História, levando-o a compreender como se constitui e se desenvolve a sua historicidade em relação aos demais, entendendo quanto há de História em sua vida que é construída por ele mesmo e quanto tem a ver com elementos externos a ele – próximos/distantes, pessoais/estruturais e temporais/espaciais.

Ela demonstra como o trabalho com a história local possibilita promover atividades e atitudes investigativas, criadas a partir de realidades cotidianas, por exemplo: trabalho com documentos, fontes, materiais e até vocabulários domiciliares e diferentes. Ainda segundo SCHMIDT (2007)

- “O trabalho com a história local no ensino pode ser um instrumento idôneo para a construção de uma História mais plural, menos homogênea, que não silencie as especificidades. Esse trabalho também pode facilitar a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas a partir de distintos sujeitos históricos, das histórias silenciadas, histórias que não tiveram acesso à História. Ela favorece recuperar a vivência pessoal e coletiva dos alunos e vê-los como participantes da realidade histórica, a qual deve ser analisada e retrabalhada, com o objetivo de convertê-la em conhecimento histórico, em autoconhecimento. Desta maneira, podem inserir-se a partir de um pertencimento, numa ordem de vivências múltiplas e contrapostas nos espaços local, nacional e internacional”. (Pág. 191)

Schmidt utiliza o *Projeto Recriando Histórias* para analisar a centralidade da história local e a produção de conceitos e conhecimentos históricos em sala de

aula. O projeto busca é a reconstrução histórica a partir de outras perspectivas, como através dos documentos fontes familiares, coletados pelos alunos.

A partir de materiais trazidos pelos alunos, a partir de uma definição anteriormente combinada, por exemplo: objetos, jornais, entrevistas, imagens, cerâmicas, fotos e artefatos relacionados a certo conteúdo; Brasil Colônia, História fluminense, História oriental, indígena, imperial entre outras possibilidades, os alunos podem partir para reflexões e análises mais gerais e conceituais.

Além do que, esta oficina busca construir materiais didáticos que levem a uma maior interatividade entre alunos e seus livros didáticos/textos/fichas, particularmente com a proposição de uma pluralidade de fontes históricas e de suas possibilidades de uso na sala de aula.

A autora destaca que essas atividades geram grande participação e produção por parte dos alunos, permitem a criação de arquivos e apontam trabalhos complementares que podem ser realizados posteriormente, como a criação de um jornal temático para a escola como para a comunidade e a possibilidade de se organizarem exposições e palestras sobre os temas trabalhados.

Para SCHMIDT (2007):

- “Do ponto de vista metodológico, destaca-se nessa forma de abordagem a preocupação com os conhecimentos prévios dos alunos, com a problematização dos conteúdos de ensino selecionados para o trabalho em sala e aula, estabelecendo relações com o cotidiano dos alunos e com o cotidiano de outras pessoas, em outros tempos e em outros lugares. Enfatiza-se também, a busca de articulação entre a História Local e a História Nacional e Universal”. (Pág. 193)

Percebe-se assim a importante relação desta estratégia de coleta de fontes a partir de arquivos familiares com a compreensão de conteúdos pelos alunos, ressignificados a partir da experiência dos sujeitos na localidade, e que, podem passar a compor os currículos e os materiais didáticos institucionais formais.

A autora trabalha categoricamente com o papel central ocupado pela formação da consciência histórica e a sua importância para a construção de nossas identidades e valores.

Segundo SCHMIDT (2007):

- “A consciência histórica tem, portanto, uma função prática de dar identidade aos sujeitos e fornecer à realidade em que eles vivem uma direção temporal, uma orientação que pode guiar a ação, intencionalmente, por meio da mediação da memória histórica”. (Pág. 195)

Acho possível que o roteiro pedagógico desenvolvido pela PFPA, através de sua arquitetura, nos antigos espaços históricos e originais, nas interpretações realizadas pelos sujeitos educativos do local. incentivem e promovam a construção da consciência e do conhecimento histórico nos indivíduos e alunos visitantes.

Creio que o roteiro do local permite também uma visualização mais clara acerca destas novas fontes históricas, do importante papel que possuem para a valorização de nosso patrimônio histórico como para nossas identidades. Acima de tudo tem o poder de demonstrar como o conteúdo da História pode ser encontrado em todos os lugares e que o conhecimento histórico é parte da experiência humana.

4.4

Olhares interdisciplinares - as outras disciplinas e o roteiro educativo da PFPA

No decorrer da pesquisa e na busca por possíveis professores de história para serem entrevistados e participarem da pesquisa, constatou-se que muitas vezes as visitas guiadas nem sempre contavam com a participação ou eram conduzidas por profissionais desta disciplina específica.

Assim foi percebido que em vários casos os professores responsáveis pela condução do grupo nas atividades guiadas não eram da história. Com certa frequência profissionais de outras disciplinas, principalmente da geografia e da biologia são as referências escolares participantes das atividades realizadas.

Um dos objetivos e questionamentos propostos nesta pesquisa busca aprofundar as reflexões relacionadas às teorias e as possíveis práticas interdisciplinares desenvolvidas no local.

Professores de distintas disciplinas, que participam anualmente da visita da fazenda, tendo conhecimento da pesquisa, manifestaram desejo de participar, mesmo sabendo que as entrevistas eram direcionadas especificamente aos historiadores. Foram então entrevistados dois geógrafos, dois biólogos e uma professora de português.

Consideraram que poderiam fornecer contribuições devido aos seus conhecimentos e experiências já realizadas no local. Recebi de bom grado estas colaborações e confesso que fiquei curioso para compreender as suas contribuições.

É verdade que desde o começo do desenvolvimento do trabalho, procurei arrumar um espaço para estas entrevistas *alternativas*, em princípio não propostas e sem espaço definido na estruturação da pesquisa.

Entretanto, ao organizarmos o trabalho e visualizarmos os possíveis caminhos acadêmicos que poderiam ser trilhados e consolidados, fui percebendo e sendo apresentado a novas possibilidades investigativas. Compreendi que estes dados e considerações poderiam ser úteis e que possivelmente permitiriam contribuições concretas às reflexões desenvolvidas na pesquisa.

Faço referência, portanto, as principais considerações apontadas por estes educadores, às possibilidades interdisciplinares presentes na visita guiada e as potencialidades pedagógicas observadas para o ensino da história por estes indivíduos, tendo por base as entrevistas em sua totalidade.

Fred³⁸ nos relata sobre sua formação acadêmica e as considerações iniciais que:

- “Minha graduação foi em ciências biológicas na UFPR, mestrado e doutorado em botânica no Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do RJ. Leciono desde 2007 disciplinas relacionadas a biologia e botânica, principalmente biologia geral, anatomia vegetal e morfologia vegetal. Atuo no Ensino fundamental (atividades esporádicas) e Ensino superior, pública e particular (atividades esporádicas). Procuro destacar para os alunos o que no processo ensino-aprendizagem foi significativo e que os conceitos tratados foram absorvidos e são úteis para eles. Os conceitos devem ser tratados com enfoque prático e aplicado e fazer relação com outros conhecimentos adquiridos”.

Todos os entrevistados formaram-se depois da virada do século, fazendo parte, portanto, de recentes cursos de graduação já inseridos nos debates mais atuais relacionados às novas propostas pedagógicas e didáticas presentes em suas licenciaturas.

Davi diz que:

- “Sou geógrafo e Mestre em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da UFRJ desde 2004. Recebi uma boa formação na graduação e no mestrado, tendo estudado na melhor instituição de ensino superior em Geografia da América Latina, o que me permitiu estudar com profissionais renomados e atuantes no Brasil e no exterior.

Interessei-me inicialmente pela área de meio ambiente e já formado, devido ao trabalho direcionado ao turismo pedagógico que comecei a realizar, procurei me aprofundar em Geografia histórica, com foco na cidade do Rio de Janeiro, campo de trabalho em que atuo até hoje”.

³⁸ Todos os nomes utilizados neste tópico também são fictícios.

Quando analisam as aprendizagens consideradas mais relevantes para os alunos, as percepções espaciais, ambientais e construídas em determinadas conjunturas prevalecem. Segundo Stella, os aspectos mais relevantes percebidos são:

- “Conhecer o estado federativo em que vivem entender a dinâmica de formação socioespacial ou territorial desse, perceber que a história é fundamental para compreender a sociedade e suas produções e reproduções hoje sejam pela sua base material (forma, estrutura) quanto imaterial ou intangível (função e processo), ou melhor, perceber que a relação entre elas é ambígua. O espaço depende da sociedade no tempo, no período em que ela vive”.

Elisa acredita que:

- “Os alunos se mostram bastante entusiasmados ao participarem das dinâmicas e vivências. Acredito que a visita guiada gera possibilidade de concretizar conteúdos trabalhados de maneira formal em sala de aula, e de interagir e atuar sobre o conhecimento. Acho que o local permite a construção do conhecimento e a capacidade de reflexão sobre o mesmo”.

Estes professores entrevistados acreditam e percebem que a visita pedagógica na fazenda pode facilitar consideravelmente o estudo da História. Como já apresentado anteriormente em outras entrevistas analisadas, as reflexões relativas às vivências e experiências foram enfaticamente indicadas.

Afirma Davi que:

- “Entendo que o ensino em história ainda *carece de uma parte prática*, que leve o aluno a desvendar melhor o conteúdo trabalhado nos livros. Tal medida pode ser alcançada com uma rotina de visitas a museus, centros culturais e locais de relevante interesse histórico, como cidades históricas, centro histórico de sua cidade, fazendas históricas e etc.

Visito a Fazenda Ponte Alta desde 2004 e a mesma tem sido muito gratificante no que tange ampliar de forma prática o conhecimento dos alunos envolvidos. Penso que entrar em contato com a preservada arquitetura histórica pode ser a porta de entrada para uma “*viagem no tempo*” que permite o aluno imergir nos assuntos trabalhados pelo professor em sala de aula.

Além desta, visito outras fazendas no mesmo contexto, de modo a trabalhar as diferenças entre elas e ampliar ainda mais os horizontes do estudante”.

Considero que a partir do momento em que faz o aluno compreender as questões da sua cidade, estado ou país, este fato já é de grande validade. É preciso, segundo as falas dos geógrafos, entender o passado para poder agir no presente sempre em busca de melhorias sociais.

Ao apresentar as principais crenças e convicções relacionadas ao ensino de História, o biólogo Fred acredita que:

- “As atividades como a visita ao Hotel Fazenda Ponte Alta sejam incorporadas de forma a tornar o ensino de história mais interessante e significativo, sensibilizando os alunos da importância e do significado desse conhecimento”.

Quando focalizei as indagações referentes às propostas interdisciplinares, tinha como objetivo verificar se estas temáticas eram percebidas e valorizadas, tanto pelos educadores da PFPA como pelos educadores escolares em suas práticas cotidianas. Todos os entrevistados procuraram enfatizar as potencialidades interdisciplinares presentes no roteiro guiado como característica e especificidade central em sua constituição.

Ao considerar as perspectivas interdisciplinares e as mobilizações possibilitadas por estas propostas pedagógicas no que diz respeito às configurações das grades curriculares, a professora e geógrafa Stella acredita que:

- “A perspectiva interdisciplinar, ou melhor, multidisciplinar é fundamental ao se pensar o espaço que vivemos, produzimos nos reproduzimos e por ele somos, também, produzidos. Seja esse espaço estudado em sala de aula ou sentido e percebido em visitas. Nesse sentido, as ciências sociais são mais que importantes, são necessárias”.

Já Davi acredita que:

- “O estudante passa a criar mais claramente as relações entre as disciplinas, como por exemplo, uma ponte clara entre a História e a Geografia, entendendo as relações entre os espaços vividos e o curso das ações do homem”.

Nas questões relacionadas aos segmentos escolares configurados nas faixas etárias predominantes e as prováveis conquistas pedagógicas consideradas, as análises são muito semelhantes aos apontamentos já realizados pelos demais educadores entrevistados. Concordam estes educadores que não há uma faixa etária específica e mais beneficiada pela atividade extracurricular. Afirma Elisa:

- “Não acredito que haja uma faixa etária específica. Desde que o conteúdo a ser discutido ao longo do passeio seja previa e devidamente apresentado aos alunos, pode-se propor a visita. Assim, tanto um 6º quanto um 9º ano podem participar”.

A partir das indagações relativas às formas pelas quais os professores preparam suas turmas para a visita da fazenda e como normalmente utilizam a saída de campo em suas aulas, nos diz Marcelo que:

- “O ideal é que parte do conteúdo seja trabalhada antes em sala para que lá eles tenham interesse maior, por poderem relacionar o que estudaram com o que estão vendo. Deve-se estimular os alunos para a visita, ressaltando o que será vivido e como isso se desenrolará. É importante também que se faça um trabalho posterior, resgatando o que foi vivido, o que pode ser feito com trabalhos escritos ou apresentados, exposições, maquetes, jornal com as notícias do que foi experimentado e etc.”.

Já Stella diz que:

- “Anteriormente as visitas são passadas aos alunos: ideias, a programação, atividades, valores, o que eles terão que fazer já que a visita não é meramente um passeio, é um trabalho de campo. Posteriormente, as atividades e seus resultados são trazidos para a sala de aula, a elas são dadas continuidades”.

Quando foram analisadas as dinâmicas e experiências mais marcantes e que segundo eles permitiriam maior retorno por parte dos estudantes, Fred acredita que: *“O espaço da senzala com instrumentos e objetos antigos chamam a atenção dos alunos”*.

Segundo este experiente pesquisador e biólogo, os ensinamentos considerados mais relevantes para os alunos consistem no fato de que todos os tipos de aprendizagens - cognitiva, psicomotora e afetiva - são possíveis, consolidadas e relevantes para os alunos nas visitas a PFPA por eles realizadas.

Já para Stella as atividades e dinâmicas oferecidas que podem ser consideradas as mais relevantes são: *“A visita guiada e o ‘Sarau do Barão’. Porque reportam e explicam a estrutura da fazenda, os objetos e os costumes da época, que são muito diferentes dos atuais”*.

Elisa afirma que:

- “A conversa promovida pelo Barão e a Baronesa, na qual apresentam a história da fazenda de forma articulada a seu contexto histórico e social, e a encenação teatral, que reproduz um baile e mostra costumes e valores da sociedade de então. Ambas as atividades permitem ao aluno uma melhor percepção do passado através de vivências e experiências concretas realizadas na fazenda”.

No tocante ao ensino de história na PFFA, do ponto de vista dos professores de outras disciplinas, acredito que os depoimentos podem fornecer interessantes constatações e reflexões a serem desenvolvidas pelos historiadores em suas práticas pedagógicas cotidianas em sala de aula.

Sobre o que é considerado mais relevante da visita para o ensino de História, diz Marcelo que:

- “Em primeira instância por ampliar horizontes que vão além dos livros. Segundo, porque o caráter lúdico-pedagógico seduz o aluno a aprender o conteúdo. Ajuda a “ver a história” e não apenas a ouvi-la”.

Nesta ótica, afirma Stella que:

- “Penso que compreender parte da história, a formação e a cultura fluminense. Poder entender, questionar, pensar em tudo que aquela história representou e representa ainda hoje, principalmente para a população local que vive o cotidiano da fazenda, da cidade e do município”.

Em suas palavras sobre a relevância para os alunos de realizarem o roteiro histórico guiado pela PFFA, ressalta Fred de modo especial:

- “O uso do espaço pedagógico alternativo com profissionais qualificados que conseguem tratar de conceitos de forma lúdica. Mostrando como evoluíram os comportamentos sociais e o papel do cidadão. Seguramente a visita provoca o crescimento cultural dos alunos e destacaria o conhecimento de hábitos, costumes e produtos do ciclo do café através de elementos reais”.

Acerca das possibilidades pedagógicas proporcionadas pelas visitas guiadas na PFFA e os principais conteúdos desenvolvidos no local, afirma Stella que:

- “Acho que visita pedagógica e o crescimento cultural que essa proporciona aos alunos são vitais para o desenvolvimento da cidadania dos mesmos. Na verdade penso que essa deve ser a finalidade maior dos trabalhos de campo na fazenda. A fazenda por si só é um símbolo cultural fluminense, isso é inegável.

A partir do momento em que nesse símbolo são oferecidos o Sarau, o Jongo (que no começo os alunos hesitam, mas, depois há disputa para ver quem vai dançar), a visita a senzala, o perpassa da história pelo dono da fazenda, as atividades ao ar livre...tudo isso só vem a somar o que a fazenda já é por si só.

Penso que compreender parte da história, formação e cultura fluminense. Poder entender, questionar, pensar em tudo que aquela história representou e representa ainda hoje, principalmente para a população local que vive o cotidiano da fazenda, da cidade / município”.

Na ótica de Davi as visitas são importantes ferramentas educativas, pois:

- “Exercitam o respeito aos espaços visitados, a importância disso para a sociedade, a necessidade de se preservar tais conhecimentos e lugares, além de exercitar a integração entre eles e os demais envolvidos. Promove a possibilidade de ver como as coisas eram na época. Claro, guardadas as devidas limitações”.

Quanto aos limites, considerações, pontos positivos e negativos estes educadores apresentam indicações interessantes, principalmente a necessidade de maior relacionamento da fazenda com a cidade e o Vale do Paraíba como um todo e uma interação mais profunda entre os alunos e os moradores e trabalhadores locais.

Na parte final dos depoimentos foram apresentadas algumas considerações que são muito semelhantes aos apontamentos dos professores de história e das coordenadoras. Nestes apontamentos e reflexões, Stella nos fala que:

- “As visitas ficam restritas as delimitações da fazenda. Acho sim que poderia ser expandida a cidade de forma geral, já que a fazenda faz parte da dinâmica do município, o todo e parte do todo se autocomplementam. Acho que de repente proporcionar um maior contato entre os alunos e aqueles que mantêm a fazenda, como seus funcionários (moradores locais sem serem os donos, claro que esses também são importantes) seria interessante, fosse incentivando os alunos a entrevistá-los, por exemplo. Os antepassados desses moradores foram essenciais, passaram costumes, tradições e identidades. Esses fatores são fundamentais para a compreensão do espaço”.

Um professor realizou considerações mais específicas sobre os pontos negativos. Ao contrário do que foi apresentado pelos outros professores e pelos próprios educadores da PFPA este educador acredita que os sujeitos educativos locais podem avançar em alguns pontos. Afirma Marcelo que:

- “O conteúdo podia ser menos padrão, mais adaptado aos diferentes objetivos e faixas etárias. O interessante seria que houvesse um diálogo prévio entre os representantes da fazenda e os professores/escolas envolvidos na visita.

Penso que a fazenda, por sua arquitetura bem preservada, é um convite a uma viagem no tempo, mas essa viagem poderia ser melhor personalizada aos interesses particulares de cada grupo.

A visita poderia ter um trabalho maior de imersão, com todos os funcionários a caráter, com refeições feitas a moda da época, com iluminação de época e alegorias mais representativas, como carruagens, cavalos.

Um bom exemplo é o que se faz na fazenda Florença em Conservatória”.

Gostaria de frisar também a importância da realização de atividades de campo, experiências e dinâmicas realizadas em áreas naturais, para uma melhor compreensão de nossa cidade, de nosso ambiente e de nós mesmos.

Acredito realmente que as práticas interdisciplinares desenvolvidas em campo possibilitam crescimento da reflexão crítica e do conhecimento prático na construção de novos paradigmas educativos.

LEFF (2001) acredita que as escolas e os educadores deveriam insistir no desenvolvimento de teorias e métodos interdisciplinares, consolidados através do que chama de *saber ambiental*. Portanto, construir um novo saber ambiental representa construir boa base histórica, filosófica e biológica para uma análise mais completa e global dos temas a serem abordados.

Conforme afirma LEFF (2001):

- “O saber ambiental problematiza o conhecimento fragmentado em disciplinas e administração setorial do desenvolvimento, para constituir um campo de conhecimentos teóricos e práticos orientado para a rearticulação das relações da sociedade-natureza.

O saber ambiental excede as “ciências ambientais”, constituídas como um conjunto de especializações surgidas da incorporação dos enfoques ecológicos às disciplinas tradicionais - antropologia ecológica; ecologia urbana, saúde, psicologia, economia, e engenharia ambientais - e se estende além do campo de articulação das ciências, para abrir-se ao terreno dos valores éticos, dos conhecimentos práticos e dos saberes tradicionais”. (Pág. 145)

Acredito que se pode observar hoje na área educação um maior interesse pelo estudo e práticas interdisciplinares e pelo intercâmbio entre ramos diferenciados do conhecimento, bem como o necessário estreitamento da relação destas disciplinas com as questões ligadas ao ambiente através de programas e currículos que incorporem determinados conteúdos, os chamados temas transversais.

Este debate está diretamente ligado às questões abordadas neste trabalho, como a utilização de novas fontes de pesquisa, olhares educativos alternativos e outras ações didáticas referidas ao ensino de história.

Nestes difíceis tempos para a didática, para as escolas públicas e privadas, para os professores, perguntamo-nos com LIBÂNEO (2008):

- “Que caminhos a didática deveria seguir para fortalecer e enriquecer seu objeto de estudo e, assim, revigorar seu campo teórico e profissional?

Manter o discurso moderno de centrar a escola e o ensino no conhecimento e no desenvolvimento cognitivo dos alunos e, ao mesmo tempo, buscar ampliação dos elementos constitutivos do seu objeto (socioculturais, antropológicos, comunicacionais e midiáticos), por meio de novos procedimentos investigativos e da interdisciplinaridade”. (Pág. 249)